

## A EVOLUÇÃO DA INDÚSTRIA TÊXTIL DO RIO GRANDE DO SUL SOB O PONTO DE VISTA TÉCNICO, TECNOLÓGICO E MERCADOLÓGICO <sup>1</sup>

*Textile industry in Rio Grande do Sul evolution from  
the technical, technological and market point of view*

Laschuk, Tatiana; Doutoranda; Universidade Federal do Rio Grande do Sul,  
tlaschuk@gmail.com<sup>2</sup>

Evelise Anicet Rüttschilling, Pós-Doutora; Universidade Federal do Rio Grande  
do Sul, eanicet@gmail.com<sup>3</sup>

### **Resumo**

Esta pesquisa faz uma revisão de literatura sobre a indústria têxtil no Rio Grande do Sul, visando estabelecer um panorama a partir de aspectos técnicos (matéria-prima), tecnológicos (processos de fabricação) e mercadológicos (segmentos de mercado e localização das principais áreas industriais têxteis) desde as origens desta indústria, no fim do século XIX, até a conjuntura atual.

Palavras chave: indústria têxtil; Rio Grande do Sul; tecnologia têxtil.

### **Abstract**

*This paper aims at presenting a literature review about the textile industry in Rio Grande do Sul, designing a panorama of technical, technological and market aspects – respectively, raw material, manufacturing processes, and market segments and locations of major textile industrial areas, since the origins of this industry in the late nineteenth century to the present.*

*Keywords: textile industry; Rio Grande do Sul; textile technology.*

### **Introdução**

---

<sup>1</sup> Este artigo faz parte da pesquisa de doutorado que está sendo desenvolvida no PGDesign da UFRGS.

<sup>2</sup> Possui graduação em Moda em Moda e Estilo pela Universidade de Caxias do Sul. Mestrado em Design e Marketing Têxtil pela Universidade do Minho em Portugal (2008). Doutoranda em Design e Tecnologia pelo Design pelo PGDesign na UFRGS. É coordenadora do Pós-Graduação em Design de Superfície pela UniRitter.

<sup>3</sup> Possui Bacharelado em Artes Plásticas pela UFRGS (1978), aperfeiçoamento em Fashion Design pelo The Art Institute of Chicago(1994), mestrado em Artes Visuais pela UFRGS (1994); doutorado em Informática na Educação pela UFRGS (2002) e pós-doutorado em Design de Superfície Sustentável no Núcleo de Design e Sustentabilidade na UFPR.

Para se compreender a importância do segmento têxtil no estado do Rio Grande do Sul, bem como entender a atual conjuntura dessa indústria, faz-se necessária a verificação das suas origens. O estudo da história nos ajuda a entender melhor as condições atuais que nos cercam e as possíveis injunções do passado no presente. Segundo Raquel Glezer, o conhecimento se constrói sobre o presente através da análise sobre o passado, para explicar, compreender ou interpretar o fenômeno em questão (GLEZER, 2007, p.24).

Dessa forma, o artigo pretende contribuir com o entendimento sobre o atual panorama da indústria têxtil no estado, bem como estimular o estudo sobre o tema em questão.

Este artigo faz uma revisão de literatura sobre a indústria têxtil no Rio Grande do Sul e no Brasil, a partir de importantes acontecimentos ocorridos no mundo e das políticas governamentais que influenciaram a evolução dessa indústria a partir do final do século XIX. A pesquisa pretende abordar aspectos técnicos, relacionados ao tipo de matéria-prima utilizada; tecnológicos, referentes aos processos de fabricação; e mercadológicos, através do reconhecimento de segmentos de mercado e localização das principais áreas industriais têxteis no estado.

Através dessa abordagem, a pesquisa aqui apresentada é de natureza básica com fim exploratório. Como procedimentos metodológicos, recorreu-se à pesquisa bibliográfica, principalmente aos dados históricos, e à documental em relação a dados da fase atual já obtidos, mas que não haviam recebido tratamento analítico.

### **1. O Início da Indústria Têxtil no Brasil e no Rio Grande do Sul**

Pode-se dizer que a indústria têxtil brasileira ensaiou a sua formação na Fase Colonial, correspondente ao período entre 1500 e 1822. Nessa época, as políticas restritivas frearam o crescimento dessa indústria, devido a interesses da Metrópole <sup>4</sup>, que privilegiava a entrada de tecidos europeus no Brasil. Entretanto, em 1844, esboçou-se a primeira política protecionista, que foi um estímulo à industrialização do país. Vinte anos após o surgimento de tais políticas, o Brasil já possuía vinte fábricas têxteis (PRADO, 2010, p. 22).

---

<sup>4</sup> Metrópole - Portugal

Apesar de, no Brasil, as primeiras fábricas têxteis terem surgido na metade do século XIX, a industrialização do Rio Grande do Sul ocorreu mais tarde, em 1873. A cidade de Rio Grande sediou a fundação da fábrica de tecidos Rheingantz<sup>5</sup>, fundada por Carlos Guilherme Rheingantz (PAULITSCH, 2003, p. 61). A fundação da fábrica ocorreu nessa cidade, pois era a única que, à época, possuía porto marítimo do estado, por onde passava toda a importação e exportação.

Reichel salienta o fato de que, desde a sua formação, as fábricas têxteis do Rio Grande do Sul estruturaram-se em bases industriais pela presença de manufaturas têxteis importadas no estado, principalmente da Inglaterra (REICHEL, 1978, p. 23), berço da formação da indústria têxtil no mundo. O estado também teve a seu favor a presença dos imigrantes com prevaecimento de origem alemã e italiana, que, segundo Pesavento, se caracterizavam como empreendedores com experiência de gestão e capital de sua terra de origem (PESAVENTO, 1985, apud Paulitsch, 2003, p. 64). Além do *know-how* ser estrangeiro, as máquinas também eram importadas.

A característica empreendedora dos imigrantes deu continuidade à fundação de novas indústrias têxteis. Em 1891, surge a Cia. de Fiação e Tecidos Porto-Alegrense, hoje conhecida como Fiateci<sup>6</sup>, que tinha como principais atividades a tecelagem, a meiaría, a fiação e a tinturaria. A iniciativa empreendedora do uruguaio Manoel Py se deu na cidade de Porto Alegre, sendo uma das únicas empresas daquela época ainda em operação (FIATECI, 2014). No mesmo ano, é fundada a Cia. Fabril Porto Alegre, que se tornou referência importante na capital, dedicando-se principalmente à fabricação de meias e camisetas (REICHEL, 1978, p.39).

O início do século XX, especificamente em 1906, o Rio Grande do Sul teve a sua primeira indústria formada, a Cia. de Tecelagem Ítalo Brasileira, na cidade de Rio Grande. A seguir, em 1908, foi fundada a Cia. de Fiação e Tecidos Pelotense S/A, na cidade de Pelotas, que se constituiu de grande importância no ramo têxtil, sendo composta por três sessões distintas: fiação, tecelagem e pintura. Em 1909, em Caxias do Sul, é fundada a Cia. de Tecidos

---

<sup>5</sup> Em 1895, Rheingantz muda a razão social para "Companhia União Fabril" para transformar-se em S/A

<sup>6</sup> Em 2010, a empresa passou a operar na cidade de Canoas, e hoje é um dos principais fabricantes nacionais de tecidos para decoração e vestuário.

de Lã, hoje conhecida como Lanifício São Pedro<sup>7</sup> e que ainda continua em funcionamento, mas agora em formato de cooperativa com os antigos empregados da fábrica. Hercolle Galló, químico tintureiro da Cia. de Fiação e Tecidos Porto-Alegrense, era um dos sócios e foi o principal responsável pela recuperação da empresa, fundada por famílias italianas que não tiveram êxito na atividade (REICHEL, 1978, p. 40).

Até 1910, as maiores indústrias de tecido produziam tecidos de algodão e lã, para os mercados situados fora do estado. Empresas menores acabavam se vinculando ao mercado regional, utilizando matéria-prima gaúcha, abastecendo o mercado interno estadual (REICHEL, 1978, p. 42 e 43).

No que se relaciona à matéria-prima, dados de 1901 apontam que o tecido de algodão era o principal produto importado no estado, correspondendo a 80% da importação de matéria-prima. A lã ficava em segundo lugar, correspondendo a 11%. Em seguida, a importação da seda correspondia a aproximadamente 5% e do linho a 4% (Mensagem do Presidente do Estado à Assembleia Legislativa, 1901 apud REICHEL, 1978, p. 21).

Apesar de ser a principal matéria-prima produzida no Rio Grande do Sul, a lã ainda era importada de outros países devido à inferioridade da matéria-prima. A fim de diminuir o volume de importação e aumentar o consumo da produção local, as indústrias investiam em maquinários importados para a melhoria da qualidade da lã através da produção de fios penteados.

## **2. Fase de Consolidação**

Iniciada em 1914, a Primeira Guerra Mundial foi uma espécie de mola propulsora para a indústria têxtil no Brasil. A limitação do país em importar propiciou o crescimento da produção interna, ocupando o espaço que antes era dos produtos estrangeiros. Segundo dados do IBGE, cinco anos após o início do conflito, a indústria têxtil era responsável por 38% do contingente de empregados nas indústrias de transformação. Logo após o término da Guerra, a indústria desacelerou, retomando com a importação de artigos com preços menores do que os produzidos internamente. (PRADO, 2010, p. 22)

---

<sup>7</sup> O Lanifício São Pedro, adquiriu um amplo mercado na década de 1940, principalmente quando passou a fabricar tecidos para o exército (VOGT, 2003).

Entretanto, logo após esse período de recesso, a indústria têxtil vislumbrou, em 1929, na grande crise mundial, uma oportunidade de crescimento. Assim, como na Primeira Guerra, novamente a capacidade de importação foi reduzida, levando o país a substituir os produtos importados por produtos internos (PRADO, 2010, p. 24).

Os efeitos da Primeira Guerra Mundial no Rio Grande do Sul não foram os mesmos que em outros estados do país. A predominância de utilização da lã fez com que o estado ficasse em desvantagem em relação aos outros, devido às restrições de uso que essa matéria-prima possui.

Essa situação pode ser conferida pela diminuição da participação do estado no País, caindo de 14,92% para 11,80%, no período de 1913 a 1919. Tal redução da participação do Rio Grande do Sul na Indústria Têxtil Brasileira aumentou o número de empresas de oito para 51 e quintuplicou o valor da produção, segundo Relatório da Secretaria da Fazenda, das Indústrias de Fiação e Tecelagem. Entretanto, esse aumento quantitativo esteve vinculado estritamente às dificuldades de importação do estado, não havendo incentivo do Governo do Estado. A dificuldade de importação, em âmbito nacional e estadual, acabou estimulando o uso da matéria-prima e a comercialização das manufaturas locais (Relatório da Secretaria da Fazenda apud REICHEL, 1978, p. 56).

### **2.1. Modernização**

Na década de 1920, o Rio Grande do Sul passou por um processo de modernização e concentração empresarial. A modernização ocorreu através da importação de tecnologia que melhorou e aumentou a produção de tecidos e, conseqüentemente, o capital de algumas empresas.

Um exemplo de empresa em que se percebe o aumento de capital devido aos efeitos da modernização foi a indústria têxtil A.J. Renner, fundada em 1912, dedicada à confecção e tecelagem de artigos têxteis. Desde o início da sua fundação, a empresa se mostrou visionária e atenta às necessidades do consumidor<sup>8</sup>, com o desenvolvimento da Capa Ideal (produto posteriormente

---

<sup>8</sup> A preocupação com o consumidor é uma premissa que a empresa carrega até os dias atuais, colocando a Lojas Renner S/A como líder do varejo de moda no Brasil em 2014, contando com 218 lojas por todo o país, e 16.367 empregados (Bloomberg Businessweek, 2014; Jornal Zero Hora, 2014).

patenteado), destinado a atender a necessidade de proteção de caixeiros viajantes, antiga profissão do fundador Antônio Jacob Renner. Em 1920, a A.J. Renner era uma das únicas empresas a utilizar energia elétrica (AXT; BUENO, 2013, p. 45).

Apesar da modernização iniciada na década de 1920, o Rio Grande do Sul sofreu os efeitos da superioridade da indústria paulista, além disso, as indústrias gaúchas que utilizavam algodão tinham dificuldades em sobreviver, devido ao valor da matéria-prima ou pela indisponibilidade de compra. A manufatura da lã no estado, apesar de ter evoluído em aspecto físico e capacidade produtiva, perdia para os concorrentes estrangeiros, que tinham qualidade superior de matéria-prima e preferência no mercado nacional. Outra desvantagem da lã em relação a outras matérias-primas, como o algodão, devia-se ao tipo de lã produzida no Rio Grande do Sul que tinha seu uso restrito a climas frios. Ao contrário do algodão que pode ser utilizado na meia-estação e no verão, adequando-se às necessidades do clima brasileiro.

### **3. Malharia Retilínea – A origem do Setor**

Até o início do século XX, o processo produtivo predominante no estado era a fiação e a tecelagem plana, entretanto a partir da década de 1920, surgem os primeiros teares de malharia retilínea no estado, na Serra Gaúcha<sup>9</sup>, apropriados para o clima frio da região. Essa região, junto com a região de Campos do Jordão (SP) e Monte Sião (MG), destaca-se até hoje na produção de malha retilínea no país.

A origem do setor de malharia retilínea no Rio Grande do Sul se deu na cidade de Caxias do Sul, e está relacionada à indústria de fiação e tecelagem implantada naquela região e à participação dos imigrantes italianos, iniciada com Hércolle Galó. Em 1922, são instalados os primeiros teares de malharia retilínea na cidade, importados pelo Lanifício Matteo Gianella & Viero (ROOS, 2001, p. 37). Um dos motivos pelo qual ocorreu a proliferação de empresas de malharia retilínea foi a facilidade de iniciação do próprio negócio em casa, necessitando de pequeno investimento e podendo inclusive fornecer serviços às empresas maiores, o que acontece com frequência nos dias atuais.

---

<sup>9</sup> O Rio Grande do Sul abriga o polo de malharia retilínea da região Nordeste do estado, que engloba as cidades de Nova Petrópolis, Caxias, Farroupilha.

A lã era a principal matéria-prima utilizada na produção de malhas retilíneas, por questões climáticas e pela facilidade de obtenção, entretanto, após o surgimento das fibras de origem química, a utilização dessa matéria-prima entrou em declínio. A região da campanha liderava a produção de lã na década de 1960, sendo que os municípios de Uruguaiana, Bagé, Alegrete, Santana do Livramento, Don Pedrito e Quaraí detinham cerca de 50% da produção gaúcha de lã (VOGT, 2003, p. 184).

#### **4. Fase de competitividade**

Até a década de 1990, o setor têxtil gozava de uma situação de protecionismo, em um ambiente onde sobreviviam produtores pouco eficientes. Porém, a abertura comercial, provocou mudanças no comportamento da indústria têxtil nacional que, com o aumento da concorrência dos produtos estrangeiros (principalmente asiáticos), teve a competitividade interna estimulada. Como consequência da abertura comercial, houve um aumento nos investimentos de modernização das máquinas e dos equipamentos na década de 1990.

A abertura comercial explicitou o atraso das empresas têxteis brasileiras em relação ao mercado internacional. O reflexo desse atraso foi a falência de muitas empresas, principalmente as pequenas, por impossibilidade de investirem em modernização (ROSANDINSKI, 2002, apud DIAS, 2007, p. 62). Para se ter uma ideia da magnitude do fenômeno que está sendo discutido, 26% das empresas brasileiras do setor encerraram suas atividades entre 1990 e 1997, o que foi sentido de forma mais significativa nos ramos de fiação (redução de 53%), tecelagem (queda de 52%) e beneficiamento (que teve uma redução de 53%) (BRITTO, 1999 apud SARAIVA et al, 2005, p. 74).

A partir de 1998, percebe-se um aumento no volume de produção, devido às medidas tomadas pelo governo, como o aumento das alíquotas e o estabelecimento de quotas de produção. Houve também a modernização tecnológica das empresas, intensificando o uso de equipamentos de base microeletrônica, principalmente nas indústrias de fiação e tecelagem, e a introdução de estratégias produtivas, por meio da racionalização e realocação da produção para regiões com menor custo de produção (SARAIVA et al, 2005, p. 65).

No Rio Grande do Sul, a recuperação de grande parte da cadeia-têxtil e do vestuário sobre a crise com a abertura comercial, ocorreu entre 1993 e 1994, com a redução da mão de obra ocupada no setor, devido à modernização das indústrias e pela conjuntura interna mais favorável. (CASTILHOS; PASSOS, 1998, p. 174).

Segundo estudo de Scherer e Campos sobre a indústria têxtil gaúcha entre os anos de 1980 e 1995, o setor respondeu ao aumento da competitividade através da modernização dos equipamentos têxteis<sup>10</sup>. O uso de CAD<sup>11</sup> para criação predomina nas malharias e os de modelagem, nas confecções. Entretanto, apesar de todo o investimento na modernização das empresas, é comum a heterogeneidade entre equipamentos de última geração e equipamentos convencionais (SCHERER; CAMPOS, 1996, p. 187).

Outra forma de as empresas responderem à competitividade está relacionada às questões de design de moda. Muitas empresas começaram a contratar serviços de consultoria (principalmente em confecções) ou criaram seu próprio departamento de estilo, como acontece com a maioria das empresas do setor de malharia retilínea. Em relação à produção, o setor têxtil e de confecção do Rio Grande do Sul variou a gama de produtos, com produção de lotes menores, aumento de coleções anuais e consequente redução de produtos massificados, utilizando sistemas produtivos flexíveis.

A cadeia têxtil do Rio Grande do Sul na década de noventa se caracterizou por pequenas e médias empresas, com predominância dos seguintes segmentos: empresas produtoras de artigos têxteis e do vestuário de lã; segmento de malharia retilínea; indústria do vestuário masculino, especializado em roupas mais pesadas; segmento produtor de jeans; segmento de confecções femininas e segmento de tecido-não-tecido (SCHERER; CAMPOS, 1996, p. 206 e 207).

## **5. A atual situação da Indústria Têxtil no Rio Grande do Sul**

---

<sup>10</sup> Os maiores investimentos do setor foram efetuados na indústria têxtil principalmente nas malharias, com aquisição de máquinas de última geração, com dispositivos microeletrônicos, sendo comum inclusive o uso de equipamentos avançados por empresas de menor porte, devido à facilidade de importação (isenção de Imposto de Importação).

<sup>11</sup> CAD – Computer-aided design.



Na conjuntura atual da cadeia têxtil no Brasil, a partir de dados apresentados pelo IEMI, observa-se que o país encontra-se em quinto lugar na produção mundial de têxteis e vestuário, ocupando uma fatia de 2,7%, (PRADO, 2010, p. 29) que se divide nos seguintes segmentos: fibras/filamentos, que conta com 23 unidades fabris; têxteis, com 4.669 unidades; e 25.666 unidades de confecções. O total de investimentos em máquinas atingiu 811 milhões de dólares, distribuídos em equipamentos para fiação, tecelagem, malharia, beneficiamento e confeccionados. A distribuição regional da produção é feita entre Sudeste, correspondente a 46,1%; Sul, com 29,5%; Nordeste, 20,5%; Centro-oeste, 2,1%; e região Norte, que está com a menor parcela do país, 1,8% (PRADO, 2010, p. 40).

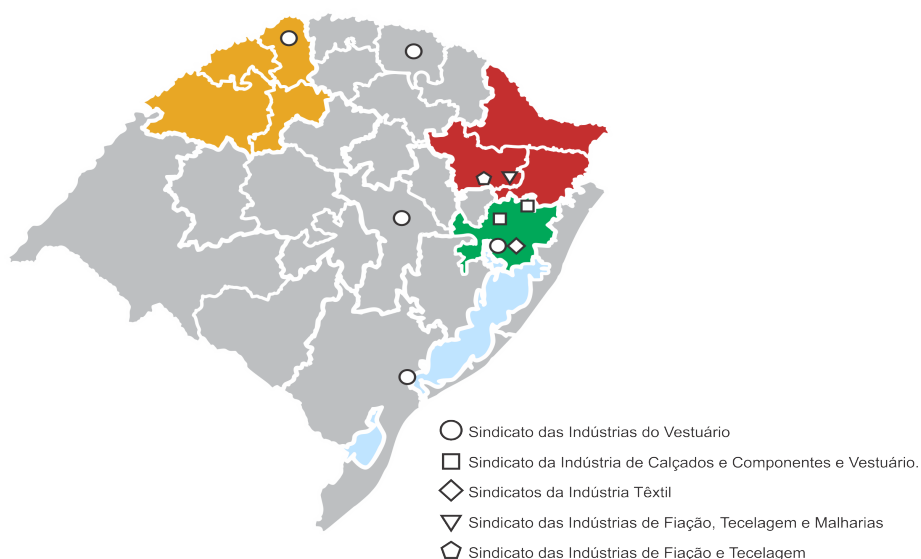
A região Sul encontra-se em lugar de relativo destaque devido à participação do estado de Santa Catarina, tradicional no segmento de malharia circular. Junto a Santa Catarina, o Rio Grande do Sul contribui com os números da região Sul devido à indústria de malharia retilínea e às indústrias do vestuário.

A indústria de malharia, segundo a Classificação Nacional de Atividades Econômicas - CNAE, compreende a fabricação de artigos de malharia e tricotagem (Grupo: 142), abrange a fabricação de artefatos como pulôveres, jaquetas, luvas etc. As cidades em que predomina a produção de malhas são Farroupilha com 123; Nova Petrópolis com 84; Caxias do Sul com 63; e Porto Alegre com 56 empresas (AMBIENTE DIGITAL DOS PEQUENOS NEGÓCIOS, 2014).

No Rio Grande do Sul, a indústria de vestuário, com dados de 2010, apresenta aproximadamente 31 mil estabelecimentos. Destes, 37,2% estão concentrados na região metropolitana (representados em verde na Fig. 1); 26,3% estão localizados no nordeste do estado (vermelho na Fig. 1); e 19,3% na região noroeste com (amarelo na Fig. 1). Destas empresas, aproximadamente 91,2% são microempresas; 8,1% de pequeno porte; 0,7% de médio porte; e apenas uma empresa existente é de grande porte. O setor representa apenas 1,1% no VTI (Valor de Transformação Industrial). Em contrapartida, participa com 3,7% da mão de obra empregada da indústria de transformação, chegando a 25,1 mil pessoas empregadas, sendo 42,6% nas microempresas (SIVERGS, 2014).

A indústria de tecelagem possui mercado restrito no estado. Caxias do Sul possui 20 tecelagens e Porto Alegre 10, sendo as cidades com maior número de indústrias. Esta classe da indústria de transformação, que corresponde ao grupo 132 no CNAE, caracteriza-se como tecelagem, exceto malha de fios de origem química e natural (AMBIENTE DIGITAL DOS PEQUENOS NEGÓCIOS, 2014).

Figura 1 – Mapeamento dos Sindicatos das Indústrias Têxteis e do Vestuário.  
Elaborado pelo autor a partir de dados coletados.



A figura 1 ainda apresenta dados importantes sobre a localização dos sindicatos da indústria têxtil do Rio Grande do Sul, proporcionando a noção dos locais onde existe a maior concentração de indústrias têxtil e de confecção. Segundo informações da FIERGS, o estado possui cinco sindicatos mantidos pela indústria do vestuário, localizados em Pelotas, Erechim, Santa Cruz do Sul, Três Passos e Porto Alegre, sendo que este o último atende o estado inteiro; três voltados à indústria do vestuário e calçados, em São Leopoldo, Igrejinha e Caxias do Sul; um da indústria têxtil em Porto Alegre; um da indústria de fiação, tecelagem e malharias em Caxias do Sul; e um sindicato da indústria de fiação e tecelagem em Farroupilha (FIERGS, 2014).

### Conclusão

Esta pesquisa buscou contribuir para o estudo das origens da indústria têxtil gaúcha, com foco no campo técnico, tecnológico e mercadológico da

mesma. Apesar da bibliografia restrita sobre o assunto, foi possível verificar a evolução da indústria sobre esses aspectos, e chegar a algumas conclusões sobre o que propôs estudar, e que são apresentadas a seguir.

A partir do presente estudo, foi possível verificar que o início da história da indústria têxtil no Rio Grande do Sul teve como principal matéria-prima a ser produzida e utilizada em solo gaúcho a lã. Porém, a lã produzida no estado é mais apropriada para as baixas temperaturas, o que fez com que este produto ficasse restrito para ser vendido aos estados onde predominam climas frios, como os estados do Sul. Estados nordestinos, por exemplo, não seriam públicos que o estado poderia atingir. A dependência de compra de outros tipos de matéria-prima, como o algodão, foi um empecilho para o crescimento da indústria têxtil no Rio Grande do Sul. Dessa forma, a lã, no início do processo de industrialização do estado foi uma mola propulsora, mas, devido à restrição do material quanto à utilização em climas frios, sua venda ficou limitada à região Sul, ou era encaminhado à exportação, sendo neste caso um fator limitador ao crescimento da indústria têxtil no estado.

Quanto ao segmento de mercado, segundo dados apresentados nesta pesquisa, a indústria têxtil do estado iniciou com a produção de tecidos planos, e logo a seguir com confecção e malharia retilínea. Hoje, percebe-se que o número de empresas dedicadas à tecelagem diminuiu consideravelmente. A indústria de confecção cresceu, bem como a de malharia retilínea.

Em relação às regiões que se destacavam percebe-se que as que continuam se destacando são a região metropolitana e a região nordeste do estado.

No que se relaciona aos equipamentos, percebe-se que o Rio Grande do Sul dependeu desde o início da importação de maquinário, e aproveitou a presença dos imigrantes principalmente de origem alemã e italiana para a compreensão sobre o funcionamento dos maquinários, e a viabilização da importação dos produtos. No que se relaciona à modernização dos equipamentos, necessária para melhorar o produto a fim de competir com a qualidade superior dos produtos da concorrência, percebe-se que é um aspecto fundamental para a evolução das indústrias têxteis e para que estas consigam manter-se no mercado. Entretanto, a modernização não garante sozinha a participação no mercado, pois para competirem com os produtos

importados, o design de moda deve estar inserido no produto e caminhar junto com as novas tecnologias disponíveis.

### Referências

AXT, Gunter; BUENO, Eduardo. **A. J. Renner (1884–1966): Capitão de indústrias**. Porto Alegre, 2013.

BRITTO apud SARAIVA, Luiz Alex Silva; PIMENTA, Solange Maria; CORRÊA, Maria Laetitia. **Globalização e reestruturação produtiva: desafios à indústria têxtil brasileira**. Revista de Administração da Universidade de São Paulo, v. 40, n. 1, 2005.

CASTILHOS, Clarisse Chiappini; PASSOS, Maria Cristina. **Competitividade e inovação na indústria gaúcha**. Fundac~ ao de Economia E Estatística, 1998.

GLEZER, Raquel. **A história e o tempo presente**. In: BRUNI, J.C; MENNA-BARRETO, L; MARQUES, N.. (Org.). Decifrando o tempo presente. 1 ed. São Paulo: UNESP, 2007, v. 1, p. 23-44.

PAULITSCH, Vivian da Silva. **Rheingantz : uma vila operaria em Rio Grande-RS**. Unicamp, 2003.

PESAVENTO apud PAULITSCH, Vivian da Silva. **Rheingantz : uma vila operaria em Rio Grande-RS**. Unicamp, 2003.

PRADO, Marcelo Villin. **Brasil têxtil 2010 : relatório setorial da indústria têxtil brasileira= Brazil textile 2010 : sectorial report of the brazilian textile industry**. São Paulo: IEMI, 2010. 156 p.

REICHEL, Heloísa Jochims. **A indústria têxtil do Rio Grande do Sul: 1910/1930**. Mercado Aberto, 1980.

ROOS, Denise Bordin. **O Setor industrial de Malharia Retilínea de Caxias do Sul: um estudo de aglomerado de pequenas empresas**. UFRGS, 2001.

ROSANDINSKI apud DIAS, Marcos de Carvalho. **Modernização e produtividade do trabalho nos principais segmentos da indústria têxtil brasileira**. Revista de Administração CREUPI, v.7, n.11, jan./dez. 2007, p. 60-68.

SARAIVA, Luiz Alex Silva; PIMENTA, Solange Maria; CORRÊA, Maria Laetitia. **Globalização e reestruturação produtiva: desafios à indústria têxtil brasileira**. Revista de Administração da Universidade de São Paulo, v. 40, n. 1, 2005.

SCHERER, Andre Luis Forti; CAMPOS, Silvia Horst. **A competitividade da cadeia produtiva têxtil-vestuário do Rio Grande do Sul**. Indicadores Economicos, Porto Alegre, FEE v.24, n.2, SET/96, p. 183.

VOGT, Cláudio César. **As origens da indústria gaúcha eo setor têxtil no período do processo de substituição de importações**. UFRGS, 2003.

Internet:

AMBIENTE DIGITAL DOS PEQUENOS NEGÓCIOS. Disponível em:  
<<http://ambientedigital.sebrae-rs.com.br/Pages/Default.aspx>> Acesso em: 30/05/2014.

Bloomberg. Disponível em: <<http://investing.businessweek.com/research/stocks/snapshot/snapshot.asp?ticker=LREN3:BZ>> Acesso em 05/05/2014

FIATECI. Disponível em: <<http://www.fiateci.com.br/index.php/empresa/historia>> Acesso em: 14/05/2014

SIVERGS. Disponível em: <<http://sivergs.blogspot.com.br/2013/03/a-importancia-da-industria-de-vestuario.html>> Acesso em: 13/03/2014.

Zero Hora. Disponível em: <<http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/economia/noticia/2014/05/renner-passa-a-liderarvarejo-de-moda-no-pais-4497053.html>> Acesso em: 01/05/2014

FIERGS. Disponível em:  
<[http://wwwapp.sistemafiergs.org.br/portal/page/portal/SFIERGS\\_UNIJUR\\_CUNIJUR/canal\\_uni\\_jur/relacoes\\_sindicais/Rela%E7%E3o%20de%20Sindicatos%20com%20Presidentes%20070312.pdf](http://wwwapp.sistemafiergs.org.br/portal/page/portal/SFIERGS_UNIJUR_CUNIJUR/canal_uni_jur/relacoes_sindicais/Rela%E7%E3o%20de%20Sindicatos%20com%20Presidentes%20070312.pdf)> Acesso em: 15/04/2014.